



PODER / Com nova estratégia de comunicação, presidente busca se aproximar mais da mídia e, em longa entrevista, rebate críticas e manda mensagens. Admite que governo está em dívida com o povo, defende Haddad e Galípolo e diz não querer mais medidas fiscais

Lula vai para a linha de frente e manda recados

» VICTOR CORREIA

Com a popularidade em constante queda, a inflação alta e o recuo sobre a fiscalização do Pix, que impactou fortemente a imagem do governo, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva assumiu a linha de frente para rebater críticas e esclarecer pontos que provocaram crises, de olho nas eleições de 2026. Sob orientação do novo ministro da Secretaria de Comunicação Social (Secom), Sidônio Palmeira, o chefe do Executivo deu uma longa entrevista coletiva, ontem, na qual abordou uma série de assuntos, que foram da economia à política externa.

Lula reconheceu que o povo tem razão em estar insatisfeito com o governo, que “não está entregando aquilo que prometeu”. Disse, no entanto, não estar preocupado com resultado de pesquisas. “Eu dizia para o Pimenta (Paulo Pimenta, ex-chefe da Secom): não se preocupe com pesquisa, porque o povo tem razão. A gente não está entregando aquilo que a gente promete. Então, como o povo vai falar bem do governo se a gente não está entregando?”

Segundo o chefe do Executivo, no entanto, “é muito cedo para fazer pesquisa sobre 2026 e para avaliar o governo”, pois a gestão tem apenas dois anos. “Cada coisa que eu falar para vocês, quero que anotem, porque cada coisa que eu falar, nós vamos entregar.”

Um dos principais desafios para o governo é a alta dos alimentos, cujos preços subiram mais de 8% no ano passado, motivados principalmente por eventos climáticos extremos. Lula convocou reuniões com seus ministros para tratar do tema e anunciou a redução da alíquota de importação para alimentos que estiverem mais baratos no mercado externo. Questionado sobre as ações que estão no

horizonte do governo, ele destacou que quer incentivar a produção de alimentos com financiamentos e modernização, e convocar os produtores para entender os motivos da alta, citando como exemplo a soja e a carne. “Eu não tomarei nenhuma medida daquelas que são bravata. Eu não vou estabelecer nada que possa significar o surgimento de um mercado paralelo. O que nós precisamos trabalhar é aumentar a produção”, destacou.

Combustível

Já sobre o possível aumento do diesel pela Petrobras — que vem sendo especulado devido à defasagem de 22% do preço interno em relação ao mercado externo —, Lula negou saber sobre o reajuste. O rumor ganhou força após reunião entre o petista e a presidente da Petrobras, Magda Chambriard, na segunda-feira.

“Eu não autorizei aumento do diesel. Desde o meu primeiro mandato, eu aprendi que quem autoriza aumento no petróleo e nos produtos do petróleo é a Petrobras, e não o presidente da República. Se ela tiver que fazer um reajuste, mesmo não levando em conta o aumento da inflação em 2023 e 2025, ainda assim o preço será menor do que em dezembro de 2022. Mas eu ainda não fui avisado se vai aumentar ou não”, declarou.

Ele afirmou ainda que, caso haja movimentação de caminhoneiros insatisfeitos com o aumento dos combustíveis, vai chamar a categoria para dialogar. Além da possibilidade de reajuste pela Petrobras, o preço do diesel e da gasolina vai subir neste sábado por conta da elevação do ICMS.

Galípolo

O chefe do Executivo defendeu o presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo — indicado

Ed Alves/CB/DA.Press



Lula com o ministro da Secom, Sidônio Palmeira: uma hora de conversa com jornalistas no Planalto



A gente não está entregando aquilo que a gente prometeu. Então, como o povo vai falar bem do governo?”

Luiz Inácio Lula da Silva,
presidente da República

por ele —, apesar de a autoridade monetária ter aumentado a taxa de juros, para 13,25%. A elevação da Selic foi reiteradamente criticada por Lula quando o BC está sob a gestão de Roberto Campos Neto.

“O presidente do Banco Central não pode dar um cavalo de pau num mar revolto, de uma hora para outra. Já estava praticamente demarcada a necessidade da subida de juros pelo outro presidente (Campos Neto), e o Galípolo fez aquilo que entendeu que deveria fazer”, argumentou. “Eu tenho certeza de que ele vai criar as condições para entregar ao povo brasileiro uma taxa de juros menor, no tempo em que

a política permitir que ele faça.”

Medidas fiscais

Lula também foi questionado sobre as contas do governo e a necessidade de novas medidas de ajuste fiscal, além do pacote apresentado no fim do ano passado pelo ministro da Fazenda, Fernando Haddad. O Planalto é cobrado pelo mercado financeiro, que considera as iniciativas insuficientes para garantir o equilíbrio fiscal. “Se se apresentar a necessidade de tomar mais ações ao longo do ano, a gente vai sentar e discutir. Mas, se depender de mim, não tem outra medida fiscal.”

“Eu ri”, diz presidente sobre Kassab

Na entrevista coletiva, o presidente Lula rebateu as críticas do presidente do PSD, Gilberto Kassab. Na quarta-feira, o dirigente afirmou que o petista perderia caso as eleições fossem hoje, e que o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, é “fraco”. O chefe do Executivo ironizou: “Quando eu vi a história do companheiro Kassab, eu comecei a rir. Porque, como ele disse que, se a eleição fosse hoje, eu perderia, quando eu olhei no calendário e percebi que a eleição vai ser só daqui a dois anos, eu fiquei muito despreocupado, porque hoje não tem eleição”, brincou.

Para Lula, Kassab foi “injusto” com Haddad. Ele atribuiu a crítica a uma desavença pessoal entre os dois. Ainda assim, defendeu que é preciso reconhecer a atuação do ministro para aprovar pautas como a PEC da Transição e a reforma tributária. “Só por isso, o Haddad deveria ser elogiado pelo Kassab, mas eu não posso pedir para o Kassab elogiar, se ele não quer elogiar”, frisou.

Lula também passou recados ao Republicanos, após o presidente da legenda, Marcos Pereira, afirmar que quer unificar o partido como oposição ao Executivo federal. O Republicanos está na base do governo, com o ministro de Portos e Aeroportos, Silvio Costa Filho. O chefe do Executivo lembrou que não foi apoiado pelo partido durante as eleições. “Se o Republicanos vai me apoiar ou não em 2026, deixa chegar 2026”, enfatizou. (VC)

» Leia mais sobre a entrevista de Lula na página 4

NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo
luizazedo.df@dabr.com.br

Lula rebate críticas de Kassab e defende Haddad

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva saiu da zona de conforto, convocou uma entrevista coletiva sem pauta preestabelecida, na qual falou sobre quase tudo, e rebateu as críticas do presidente do PSD, Gilberto Kassab, de que Fernando Haddad (Fazenda) é “ministro fraco” e o PT, se as eleições fossem hoje, entraria na disputa pela reeleição “como derrotado”. A entrevista de Lula marcou uma mudança de estratégia de marketing do governo, agora comandada pelo publicitário Sidônio Palmeira, que assumiu a Secretaria de Comunicação Social do Palácio do Planalto.

Lula disse que “começou a rir” quando soube da crítica feita pelo presidente nacional do PSD, Gilberto Kassab. Questionado, destacou que não adianta especular sobre o que acontecerá até 2026: “Quando eu vi a história do

companheiro Kassab, eu comecei a rir. Porque, como ele disse que, se a eleição fosse hoje, eu perderia, quando eu olhei no calendário e percebi que a eleição vai ser só daqui a dois anos, eu fiquei muito despreocupado, porque hoje não tem eleição”, respondeu Lula.

Kassab havia afirmado, na quarta-feira, em evento do mercado financeiro, que “o PT não estaria na condição de favorito, mas na condição de derrotado” nas próximas eleições. Disse também que Haddad tem dificuldade de se impor no governo. “Ministro da Fazenda fraco é sempre um péssimo indicativo”, declarou. Lula disse que Kassab foi “injusto com Haddad” e defendeu sua gestão na Fazenda. Atribuiu as críticas a uma desavença pessoal entre os dois (o ministro da Fazenda substituiu

Kassab na Prefeitura de São Paulo), mas disse que é preciso reconhecer os feitos de Haddad. Citou, como exemplo, a PEC da Transição e a reforma tributária.

As entrevistas de Lula, organizadas pelo ex-ministro Paulo Pimenta, eram engessadas: os repórteres podiam fazer apenas uma pergunta sobre assunto previamente estabelecido. A de ontem foi uma mudança de comportamento. Lembra postura semanalmente promovida pelo jornalista Franklin Martins, quando assumiu a Comunicação do governo Lula, em 2007, no segundo mandato. Lula passou a falar com imprensa com muita frequência, inclusive em entrevistas “quebra-queixo”; no jargão jornalístico, aquelas mais tumultuadas, em que o entrevistado é literalmente cercado pelos repórteres.

Entretanto, Sidônio Palmeira

ainda corre atrás do prejuízo. Logo na largada, colheu um grande revés, com a confusão criada pela oposição nas redes sociais por causa de uma instrução normativa da Receita Federal que estabelecia novas regras de fiscalização do Pix, o que provocou uma crise de imagem do governo juntos aos eleitores de baixa renda. Boatos de que o governo cobraria impostos sobre o Pix — completamente sem fundamento, porque somente o Congresso pode criar impostos —, aliados à inflação dos alimentos, provocaram a queda de popularidade de Lula.

Taxa de juros

Na entrevista, o presidente da República admitiu que o governo ainda não entregou o que prometeu e, por isso, o povo fica insatisfeito. Disse, porém, que não vai se preocupar com as pesquisas, mas com o cumprimento de suas promessas de campanha. A queda na popularidade abriu espaço para a estocada que levou de Kassab. Ao rebatê-lo, Lula disse que a economia brasileira registrou um déficit primário de 0,1% do Produto Interno

Bruto (PIB) em 2024 — próximo à meta fiscal de rombo zero prevista para o ano passado. “A gente quer responsabilidade fiscal e menor déficit possível porque quer que este país dê certo. Se fizer dívida, é para ativo novo que faça este país melhor”, garantiu.

Ontem, a Fazenda divulgou que a meta fiscal de 2024 foi cumprida. O rombo nas contas públicas em 2024 foi de R\$ 43 bilhões. O déficit primário ficou em R\$ 11,03 bilhões, o equivalente a 0,09% do PIB. A meta da equipe econômica no ano passado era de déficit zero, equilibrando receitas e despesas. Mas o arcabouço fiscal fixa um intervalo de tolerância que permite um rombo de até 0,25% do PIB. Ao mesmo tempo em que defendeu Haddad, Lula reiterou que não pretende cortar gastos. “Não tem outra medida fiscal. Se se apresentar durante o ano a necessidade de fazer, vamos reunir. Se depender de mim, não tem outra medida fiscal”, disse.

Lula não criticou a decisão do Comitê de Política Monetária (COPOM) de elevar a taxa básica de juros da economia em um ponto percentual, passando de 12,25% para 13,25% ao ano. “O presidente

do Banco Central não pode dar um cavalo de pau num mar revolto”, afirmou. “Eu tenho certeza de que ele vai criar as condições para entregar para o povo brasileiro uma taxa de juros menor, num tempo que a política permitir que ele faça”, completou. Arrematou com uma frase que é música para o mercado financeiro: “No meu governo, presidente do Banco Central vai ter autonomia de verdade”.

O aumento da Selic já era esperado pelo mercado financeiro, especialmente após o próprio BC ter sinalizado, em dezembro, que adotaria uma postura mais rígida diante do avanço da inflação. A elevação da Selic marca a primeira decisão do Copom sob a presidência de Gabriel Galípolo, indicado pelo presidente Lula para comandar o BC. “Eu tenho certeza de que ele vai criar as condições para entregar para o povo brasileiro uma taxa de juros menor, num tempo que a política permitir que ele faça”, ressaltou. “No meu governo, presidente do Banco Central vai ter autonomia de verdade.” Em dezembro, o BC já havia sinalizado o aumento da Selic, que deve chegar a 15%, uma das taxas de juros mais alta do mundo.